

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

32

**Cristo
é realmente
Deus?**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

<http://www.obrascaticas.com>

CRISTO E' REALMENTE DEUS?

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 32

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

Cristo é realmente Deus?

PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ'
EDITORA VOZES LIMITADA
1959

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 30-IV-1959.

Título do original inglês: Is Christ really God?
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.
Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

<http://www.obrascaticas.com>

CRISTO E' REALMENTE DEUS?

Cristo veio a êste mundo, há quase dois mil anos, para estabelecer a verdadeira religião, e ordenou aos seus Apóstolos: "Ide, ensinai tôdas as nações... e eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos" (Mt 28, 20). Dois têrços da população do mundo ainda são não-cristãos; mas isto não é de admirar. Enquanto nenhuma nação devia ser excluída do apostolado cristão, nenhuma conversão imediata do mundo foi prometida. A obra de difusão do Evangelho deve prosseguir até o fim dos tempos. Não há mesmo nenhuma garantia de que o mundo inteiro será finalmente convertido. Deus respeita o livre-arbítrio do homem, e não força ninguém a aceitar o Evangelho. Até onde o mundo será convertido, isto deve sempre ficar para o mundo dizer.

O que, no entanto, é conturbador é achar multidões que têm tido a verdade posta diante de si, e que pertencem a isso a que chamamos a nossa civilização cristã, as quais entretanto abandonam a sua crença em Cristo.

DÚVIDAS CRESCENTES

Por certo há os que têm abandonado o Cristianismo tanto em crença como na prática. Vítimas de uma educação puramente terrena, êsses adotaram aquilo que se comprazem em denominar "atitude científica". De-

claram que a ciência não conhece ordem de realidade afora o universo visível e tangível ao redor de nós; e concluem que, portanto, tal ordem não existe. Mas a sua conclusão não passa de uma presunção. Nenhuma prova qualquer foi jamais oferecida de não existir nada que não entre na categoria de uma ciência meramente natural e experimental — a qual êles imaginam ser a única ciência. Mas tal noção convém àqueles que querem contentar-se somente com a ordem material e física, ignorando até onde possível as realidades espirituais e morais.

Contudo, outros, embora ainda professando crença no Cristianismo, são profundamente ignorantes dêste; e a sua ignorância é culpada. Êles não estão suficientemente interessados no ensino da religião cristã, para se incomodarem com descobrir o que ela é. Não se têm preocupado bastante com tudo o que Cristo tem a oferecer, para cuidarem de tomá-lo a sério. Como consequência, têm pouco conhecimento real da doutrina cristã; tal como no caso do cavalheiro Episcopaliano que me disse que acreditava na divindade de Cristo, mas, perguntado sobre se acreditava que Cristo era Deus, disse que não estaria preparado para ir tão longe assim!

Porém ainda mais perturbador é o caruncho que se gera entre os que dedicaram atenção ao estudo da religião cristã. Uns cinqüenta anos atrás, o grande sábio anglicano Dr. N. P. Williams, voltando de uma prolongada estada na Alemanha para a Universidade de Oxford, fêz uma conferência, no Magdalen College dali, sobre a condição da religião na Alemanha. E teve isto a dizer:

“No meio dos círculos educados da Alemanha, na época presente a palavra “Protestante” veio a ser praticamente sinônimo de “Unitário”. Há milhares de mi-

nistros protestantes cujo Evangelho todo é constituído por uma crença em Deus e na moralidade, e por uma admiração geral do caráter humano de Nosso Senhor... Provavelmente a onda de Unitarismo não tardará a cobrir a face do protestantismo inglês, como o fez na Alemanha... Não somente a doutrina da Encarnação está gradualmente desaparecendo da crença e da vida protestante... Tudo o que êle reteve está em via de dissolver-se nas correntes de ódio a credos e a dogmas, poderosamente ajudadas pelo espírito geral da época, que se rebela contra qualquer constrangimento ou esforço, e exige uma religião moderada e cômoda, tão distante quanto possível do ascetismo e da austeridade”.

Assim falou o Dr. Williams em 1907. Não se pode negar que os anos intervenientes têm tendido a justificar a sua asserção. Há multidões de cristãos que ainda não puderam afastar-se de uma crença nessa Viva, Misteriosa, Enérgica e Suprema Realidade fora de nós e além dêste mundo à qual chamamos o Deus Infinito e Incriado, porém multidões que dizem achar cada vez mais difícil crer que êle tenha invadido êste nosso mundo material por um nascimento visível feito da Virgem Maria sob o nome de Jesus Cristo.

Todavia, êsse Deus fez precisamente disso matéria de história. Tôda a evidência que disso pudéssemos com razão exigir está disponível. O caráter autêntico dos Evangelhos está além de discussão razoável. E ali nos é dito que Deus veio a êste mundo de espaço e de tempo, pelo acontecimento, único, da Encarnação. Aquêle que está invisivelmente em tôda parte manifestou-se visivelmente aqui neste mundo. Aquêle que é eterno entrou na seqüência do tempo, nascendo da Virgem Maria em Belém, na Judéia. Permanecendo sempre verdadeiro Deus, tornou-se homem também.

Através da natureza humana que então assumiu, êle nos deu uma especial e local revelação de si mesmo e da verdade que queria ensinar-nos. E, por meio dessa natureza humana, exerceu uma atividade especial no nosso meio e sôbre o nosso próprio nível de realidade, pela qual a nossa redenção foi efetuada.

FATOS HISTÓRICOS

Naturalmente, se o que dissemos é verdade, Cristo é indubitavelmente a maior figura da história; e os cépticos não tardaram a perguntar por que razão os historiadores seculares contemporâneos dêle, longe de lhe darem um lugar proeminente nos seus escritos, escassamente o mencionaram. Mas a razão para o comparativo silêncio dêles sôbre Cristo deveria ser clara.

Um movimento tem de fazer história e um impacto sôbre o mundo, antes que os historiadores das coisas do mundo o considerem dentro do escopo das suas narrativas. Ora, o próprio Cristo deliberadamente evitou cortejar tal notoriedade. Escolheu nascer num remoto recanto do mundo romano, e de uma raça judia, cujos negócios eram de pouco interêsse para os historiadores romanos. Ademais, êle comparou a sua influência à do lêvedo, afetando invisivelmente a medida total da massa. Êle não foi de importância política, e é preciso ser de importância política para granjear a atenção dos historiadores seculares. Sem embargo, apesar de não procurar tal publicidade, Cristo e a obra que êle inaugurou são mencionados por Josefo, o historiador judeu, e pelos historiadores pagãos Suetônio, Tácito, Plínio o Môço, (nos seus despachos para o Imperador Trajano), Luciano, Flegon, e Celso. Mais do que isso não poderia razoavelmente esperar-se.

Quanto ao mais, os relatos do Evangelho são registos autênticos. Só o preconceito lhes diminui o va-

lor histórico. Como oposto à lenda e à mitologia de outras religiões antigas, o Cristianismo oferece-nos um Fundador histórico, nascido em tempo definido num lugar definido, sendo que os detalhes da sua carreira enfrentam a crítica da história científica, embora os próprios evangelistas não fôsem historiadores científicos conforme nós entendemos êste têrmo hoje em dia.

E' importante ter em mente o verdadeiro caráter dos Evangelhos. Os escritores dêles põem por escrito simples e definitivamente um relato de coisas que tinham visto e ouvido. Dão indicações bastantes para nos habilitar a localizarmos os acontecimentos em geral no seu lugar conveniente dentro do quadro da história humana. Mas não fizeram pausa nos seus relatos para darem a data exata de cada item que fixaram, nem se preocuparam com a ordem consecutiva em que todos os detalhes ocorreram. Isto nos proporciona o interessante problema de procurarmos conjecturar exatamente quando foi que cada coisa aconteceu; mas absolutamente não é de vital importância atingirmos certeza quanto à exata cronologia dos acontecimentos. A cronologia dos acontecimentos e os próprios acontecimentos são coisas completamente diferentes.

Foi aventado que os Evangelhos pintam Herodes como procurando forçar a morte de Cristo, embora a investigação histórica tenha mostrado que Herodes morreu quatro anos antes de Cristo nascer. Mas Herodes não morreu antes de Cristo nascer. Morreu quatro anos antes da data fornecida pelo nosso presente calendário para o nascimento de Cristo. O nosso calendário é que está errado.

Deve ser lembrado que, durante os primeiros séculos do Cristianismo, os cristãos continuaram a usar o antigo calendário romano, datante da fundação de

Roma. Sòmente no século sexto depois de Cristo foi que um certo Dionísio propôs um calendário cristão que enumeraria os anos a contar do nascimento de Cristo. Dionísio calculou erradamente que Cristo nasceria 754 anos depois da fundação de Roma. Como Herodes morreu no ano 750 depois da fundação de Roma, Dionísio òbviamente enganou-se. Depois, como após diligentes indagações quanto ao nascimento de Jesus, Herodes ordenou que fòssem mortas tòdas as crianças de sexo masculino até dois anos de idade, deve êle ter tido razão para crer que o nascimento de Cristo ocorrera até dois anos antes do seu decreto. Isto faz o nascimento de Cristo recuar pelo menos para seis anos antes daquilo que Dionísio imaginou. Provàvelmente Cristo nasceu uns sete anos antes do que o nosso presente calendário supõe. Mas importa notar que êsse descuido cronológico de Dionísio não afeta o caráter histórico dos acontecimentos registados sòbre Cristo. Que certas coisas tenham tido lugar não é coisa que possa ser negada simplesmente porque alguém erra sòbre quando elas tiveram lugar.

O grande erudito bíblico alemão Adolf Harnack, que morreu em 1930, tem sido freqüentemente citado como tendo dito que os relatos evangélicos do nascimento de Cristo são sem valor, e que foram escritos com a finalidade única de evangelização. Mas êle nem disse nem pretendeu dizer isso que lhe tem sido atribuído. O que êle disse foi que nenhum cálculo dos eruditos quanto ao tempo preciso dêsse nascimento pode levar a uma estimativa absolutamente certa. Nunca sustentou que houvesse qualquer lugar para dúvida quanto ao fato do nascimento de Cristo.

No prefácio do seu livro "Cronologia da Literatura Cristã", Harnack escreveu o seguinte:

“Houve tempo... em que o povo se julgou forçado a considerar a mais antiga literatura cristã, inclusive o Novo Testamento, como um tecido de fraudes e invencionices. Esse tempo passou... A mais antiga literatura cristã da Igreja, nas linhas principais e em muitos detalhes, quando considerada do ponto de vista lítero-histórico, é verdadeira e autêntica”.

Quando êle disse que os Evangelhos foram escritos para a finalidade única de evangelização, quis apenas mostrar a espécie de livro que a Bíblia pretendia ser. Isto era uma advertência aos críticos para não procurarem nela aquilo que os escritores nunca haviam intentado dar. Por exemplo, tomemos os Evangelhos. O propósito dos quatro evangelistas foi pôr por escrito uma seleção, e somente uma seleção, daquilo que êles consideravam os ditos e feitos mais impressionantes para que os leitores pudessem ter alguma idéia do caráter e pretensões dêle e assim atingir a fé nêle. Êles não tiveram idéia de compilar uma tal obra para benefício dos futuros historiadores. Tiveram um propósito religioso, e Harnack insistiu em que isso deve ser tido em mente. Mas em parte alguma Harnack deixa perceber poder-se fazer disso uma desculpa para duvidar da fidedignidade histórica de tudo quanto os Evangelhos dizem; e certamente ter-se-ia ressentido do uso de seu nome em abono de tal descrença.

COISA INIMAGINÁVEL

A dificuldade real para os incrédulos é a natureza extraordinária do tema central dos Evangelhos — o haver Deus nascido neste mundo no estábulo de Belém. O pensamento de tal coisa abala-lhes de tal maneira a imaginação, e de tal maneira excede aquilo que êles julgam razoável, que êles o declaram dema-

siado para qualquer pessoa sensata aceitar. Mas, se os evangelistas disseram a verdade, então é fato que o que eles declaram ter acontecido aconteceu realmente; e os fatos não deixam de ser fatos, por mais pasmosos e inexplicáveis que os achemos.

Certo é que os evangelistas não escreveram uma história de sua própria invenção. Se estivessem escrevendo ficção, teriam inventado um retumbante e esplêndido nascimento de Deus neste mundo, o qual teria forçado a homenagem dos homens. Registrando fatos, os evangelistas não tiveram outro recurso senão pôr por escrito um relato muito diferente de tudo o que por si mesmos pudessem ter pensado.

E nem houve coisa alguma desarrazoada nas circunstâncias da Encarnação, pressuposta a finalidade desta. Se o orgulho, a riqueza e o prazer afastam o homem de Deus, não deve surpreender que desde o comêço o Único Santo que vinha redimir o gênero humano rompesse com êsses três engodos, mediante a humildade, a pobreza e o sofrimento.

As dificuldades de “espaço e de tempo”, que nos ocorrem precisamente por sermos nós mesmos criaturas existentes no espaço e no tempo, não são realmente formidáveis se nos dermos o trabalho de considerá-las atentamente.

À primeira vista, pode parecer estranho que esta terra, uma simples cabeça de alfinete no vasto universo, devesse ser escolhida para um tal acontecimento. Mas isto, ainda, é uma dificuldade para a imaginação antes que para a razão. Se se pensa só em tamanho material, em espaço e em distâncias, a imaginação é esmagada. Porém tamanho material não é nada em comparação com a grandeza de uma simples alma humana inteligente. As realidades espirituais abstraem de meras dimensões. Onde quer que êste problema par-

ricular entra em jôgo, devemos guiar-nos pela razão e pela revelação, e não pela imaginação.

A mesma coisa se aplica à dificuldade relativa à razão por que Deus deveria vir no momento particular em que veio, considerada a imensa duração do tempo, ou mesmo da história registada dêste planêta. Afinal de contas, se Deus decidiu ingressar na história humana pela Encarnação, isso teria de ser em algum ponto definido do tempo; e, em qualquer tempo que o evento ocorresse, seria igualmente surpreendente. Porém, uma vez mais, esta dificuldade também só é dificuldade para a imaginação. O tempo é uma coisa puramente relativa, que não suporta comparação com as realidades espirituais e eternas. Diante do Deus eterno, mil anos são como um dia; e nenhuma consideração baseada no tempo poderia tornar incrível a Encarnação simplesmente por ter tido lugar num momento antes que noutro no curso da história. Deus escolheu o momento particular que escolheu, por motivos mais bem conhecidos dêle; e idéias preconcebidas de nossa parte devem ceder o passo ante o fato.

A REVOLTA CONTRA O DOGMA

E' essa, entretanto, uma questão de fato? Há quem o negue em nome tanto da razão como da revelação. E assim achamos até mesmo cristãos professos que negam a divindade de Cristo e que investigam a Escritura em busca de tôda passagem que possam achar e que pareça emprestar apoio à sua incredulidade. Sob a influência do racionalismo e do modernismo, mesmo quando falam da "Divindade" de Cristo, êles não querem dizer o que os genuínos cristãos querem significar com êsse têrmo.

Podemos ver isto quer pelas coisas que êles dizem de Cristo em detalhe, quer pelas coisas que não

quererem dizer. Eles não diriam que ele nasceu de uma Virgem, que foi sem pecado, que operou milagres, que nunca se enganou, que morreu para expiar os nossos pecados, ou que realmente ressurgiu dos mortos.

Por outro lado, pela Divindade de Cristo nós entendemos, sem quaisquer reservas, que o Deus eterno tomou para si mesmo uma natureza humana num ponto dado do tempo; e que, nessa natureza humana, ele é conhecido como Jesus Cristo. Jesus é, portanto, uma Pessoa Divina possuindo duas naturezas, a Natureza Divina e a natureza humana. Por outras palavras, é a um tempo Deus e homem.

Esta doutrina envolve naturalmente a doutrina da SS. Trindade, a qual não é, como racionalistas superficiais gostam de sustentar, uma doutrina de “três deuses”. A religião cristã é essencialmente monoteísta. Insiste em que só pode haver um único Deus. Nesse Deus, entretanto, há três Pessoas Divinas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e a palavra “Trindade” é usada para exprimir essa “tri-idade”. Foi em nome dessa “tri-idade” que Cristo incumbiu seus Apóstolos de “ensinarem tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19). E nem isto quer dizer um Deus composto, divisível em partes. Há três pessoas no único, absoluto e invisível Ser de Deus.

Se fôsse perguntado como foi possível somente ao Divino Filho fazer-se homem, a resposta deveria ser buscada na distinção entre as três Pessoas Divinas, Pai, Filho e Espírito Santo. A Encarnação foi obra de uma só e mesma Natureza Divina, porém de tal modo que a união entre a natureza humana nascida da Virgem Maria e a Pessoa do Filho Eterno de Deus terminava no Divino Filho e não se estendia ao Pai ou ao Espírito Santo. Este fato sabemos-lo pela revelação.

Pressuposta esta doutrina da Trindade, isto é, de três Pessoas distintas possuindo uma só e mesma Natureza Divina, certamente era possível à Natureza Divina operar de modo a efetuar uma união entre uma natureza humana e qualquer uma das Pessoas Divinas à parte das outras.

Há pessoas que ficam impacientes com isso a que chamam “dogmas especulativos” sôbre Cristo, e que declaram que as noções ortodoxas acêrca da Divindade de Cristo não têm nada que ver com a religião vital. A coisa principal, dizem elas, é apreender o espírito de Cristo, e não sustentar algum modo particular de ver a respeito dêle.

Mas não há razão para nos incomodarmos com procurar apreender o espírito de Jesus, se não temos crença particular a respeito dêle. Se tivermos apenas um Cristo humano, não há razão para não mudarmos para um Buda humano, ou para um humano Confúcio, ou para um humano Maomé. Por outras palavras, não há razão para vivermos como cristãos. Mas, se Cristo é Deus, pelo qual tôdas as coisas foram feitas, inclusive nós mesmos, e se havemos de encontrá-lo no nosso juízo na eternidade para a qual necessàriamente iremos, então as coisas são, na verdade, muito diferentes.

Não é o bastante aceitarmos Cristo meramente como um homem excepcional, de admirável personalidade e poder, merecendo o maior respeito, e dando um excelente exemplo aos homens pela sua vida e ensino. Êle não nasceu no mundo para não passar de um respeitado mestre humano, de um guia em que podemos confiar, de uma voz impressionante do passado. Para se ser cristão deve-se aceitá-lo como o Filho Eterno de Deus, o mesmo Ser real como o Pai, a Fonte Eterna de tôda vida e poder.

Quando as pessoas dizem que, fora de todo dogma ortodoxo, podem achar um programa de vida cristã no Sermão da Montanha, esquecem-se de que o Sermão da Montanha ensina a mesma visão estupenda de Cristo ensinada pelo resto dos Evangelhos. Elas nos forçam a perguntar quem é êsse que nos diz com extraordinária segurança que espécie de pessoas estarão no reino de Deus, e que fala com tal autoridade das recompensas que só Deus poderia dar. Ora, tomemos a última das Bem-aventuranças: “Bem-aventurados vós quando vos maldisserem e vos perseguirem... por minha causa”. Só Deus pode falar assim! Nosso Senhor falava como nenhum profeta sonhou jamais falar. Onde os profetas declaravam: “Assim diz o Senhor”, Jesus simplesmente dizia: “Mas eu vos digo”. Êle disse aos seus ouvintes que no Juízo Final “muitos me dirão: Senhor, Senhor”, e acrescentou: “Então lhes direi: Nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que obrais a iniquidade” (Mt 7, 22-23).

E' inútil as pessoas dizerem, como tantas facilmente dizem, que aceitam Cristo como um grande mestre moral, mas não como Deus. Êle não deixou isso aberto a nós, nem pretendeu fazê-lo. E nem um homem que dissesse as coisas que Jesus disse seria um grande mestre moral se não passasse de simples homem. Então êle seria ou um louco, ou um enganador e impostor. Não há lugar para falar de um grande mestre humano onde quer que Cristo está em causa. Os que não crêem que êle é Deus perderam a fé cristã. Podem aprovar algumas das coisas que êle disse, mas não é por havê-las êle dito. E' por quadrarem com as suas próprias idéias sôbre aquilo que é próprio e conveniente. A fé dêles não é em Cristo, é nos seus próprios poderes de discernimento; e a fé em si mesmo não é a fé cristã, nem herdará a promessa de

salvação. Temos de crer que Cristo é Deus, aceitando tudo o que êle ensinou, com fundamento em que, como Deus, êle não podia enganar-se nem podia enganar-nos.

Pergunta-se sarcásticamente que valor inspirador achamos nos nossos dogmas sôbre Cristo. Dever-se-ia ser capaz de ver isso por si mesmo. Se realmente Deus se fêz homem a fim de nos remir das devastações do pecado, não se preocupando com o que lhe sucederia na sua vida humana, nós que cremos isso deveríamos ao menos não nos preocupar com o que nos acontece, contanto que nos emancipemos do pecado. E é fato que o pecado, que é só o que pode separar-nos de Deus, tornou-se a coisa mais odiada para os que realmente crêm na Divindade de Cristo.

O DEUS DOS EVANGELHOS

E' estranho que haja cristãos professos que neguem que a Divindade, em qualquer sentido absoluto da palavra, tenha sido reclamada para Cristo ou por Cristo no Novo Testamento.

O Evangelho de S. João abre-se com a declaração de que "no princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus... Por êle tôdas as coisas foram feitas... e o Verbo fêz-se carne e habitou entre nós" (Jo 1, 1-14). Assim como nas palavras de abertura do Gênese, onde a criação é descrita, nos é dito que tôdas as coisas devem a sua existência ao Verbo de Deus (Deus disse: Haja a luz; e houve luz), assim também agora nos é dito por S. João que êsse Verbo de Deus, existente antes que tôdas as coisas fôssem feitas, estava em Deus pela sua própria Personalidade distinta, embora fôsse Deus, essencialmente identificado com o próprio Ser da Na-

tureza Divina. E essa Pessoa Viva, prossegue êle dizendo-nos, fêz-se homem e habitou entre nós nesta terra sob o nome de Jesus Cristo. Êsse Verbo de Deus, como perfeita expressão de Deus, como verdadeira imagem de tudo o que Deus é, não poderia ser mais adequadamente descrito do que como Filho de Deus. E foi êsse Filho preexistente que se fêz homem a fim de redimir o gênero humano do pecado e possibilitar para nós a eterna salvação.

Que o próprio Cristo tinha consciência de ser êsse Filho eterno de Deus, isto êle o tornou claro repetidas vêzes.

Quando êle disse aos Judeus: “Eu e o Pai somos um”, êles não deixaram de compreendê-lo. Conheceram que êle queria dizer “um único ser” com Deus; e apanharam pedras para o apedrejarem, explicando: “Não te apedrejamos por uma boa obra, mas por blasfêmia; porque, sendo homem, te fazes Deus” (Jo 10, 30-33). E êle não os declarou enganados em lhe atribuírem essa pretensão.

Deus é misterioso. Jesus igualmente é misterioso. “Ninguém conhece o Filho senão o Pai; nem ninguém conhece o Pai senão o Filho” (Mt 11, 27). Deus é eterno. Jesus igualmente é eterno. “Antes que Abraão fôsse”, disse êle aos Judeus “eu sou”. E novamente os Judeus apanharam pedras para o apedrejar (Jo 8, 58). Na sua prece final pelos seus discípulos êle não hesitou em dizer: “E agora glorifica-me, ó Pai, contigo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo fôsse feito”, (Jo 17, 5). A expressão “antes que o mundo fôsse feito” significa antes que a criação ocorresse, e antes que começasse a duração sucessiva que nós conhecemos como tempo. Essas palavras não podem ter outro significado senão que, nas eternas condições próprias a Deus, a viva e divina Personalidade

de Cristo coexistia com o Pai e possuía a mesma glória. Ademais, Deus é o Juiz Final. Jesus também é êsse Juiz Final quando, como “Filho do Homem”, vier em tôda a sua majestade decidir a sorte de todo o gênero humano (Mt 25, 31-32). Jesus difere, pois, de nós por tôdas as diferenças que existem entre o Criador e a criatura.

A verdade foi mostrada mui fortemente no incidente ocorrido após a ressurreição, quando o Apóstolo S. Tomé se dirigiu pessoalmente a Cristo com aquelas palavras: “Meu Senhor e meu Deus” (Jo 20, 28). Nos Atos dos Apóstolos é-nos dita a cura milagrosa do coxo por Pedro e João. Mas, quando o povo, cheio de admiração e de espanto, olhou para êles quase como uns semideuses, Pedro foi pronto em negar qualquer direito à admiração dêles, desviando-lhes imediatamente a atenção para Cristo. “Vós, homens de Israel”, disse êle, “por que vos admirais disto? Ou por que olhais para nós como se pela fôrça ou poder houvésemos feito êste homem andar? O Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacob, o Deus de nos sos pais, glorificou seu Filho Jesus” (At 3, 12-13). Deveremos dizer que Cristo era menos honesto do que os seus Apóstolos? Impossível. Contudo, longe de repudiar as palavras a êle dirigidas por S. Tomé, “Meu Senhor e meu Deus”, Jesus aceitou-as, e aproveitou a ocasião para dizer: “Porque viste, Tomé, crêste; bem-aventurados os que não viram e creram”.

S. Paulo não tinha dúvida quanto ao que os cristãos deviam crer. Escrevendo aos Romanos, declarou que Cristo era “Deus, bendito eternamente” (Rom 9, 5). Aos Filipenses falou de “Cristo Jesus, que, existindo em forma de Deus, não julgou usurpação o ser igual a Deus” (Filip 2, 5-6). E, de outra vez, aos Colossen-

ses disse de Cristo: "Nêle habita corporalmente tôda a plenitude da Divindade" (Col 2, 9).

No último livro do Novo Testamento, o Apocalipse (Revelação), deparamos com estas palavras: "Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor Deus, o qual é, e o qual foi, e o qual será o Todo-Poderoso" (Apoc 1, 8). Estas palavras só podem aplicar-se ao verdadeiro Deus; e 22,13 torna claro que elas devem ser aplicadas a Cristo.

Há quem pense solapar tudo isto dizendo que Cristo nos disse que seu Pai também é o nosso Pai, e que portanto todos nós somos filhos de Deus, atingindo nêle a humanidade a sua mais alta perfeição. E por certo êsses tais pretendem sugerir que Cristo, embora homem perfeito, não passava de homem. Mas há algo muito importante a notar sôbre as referências dêle a seu Pai em conexão com isto.

Cristo sempre tornou claro que seu Pai tinha um parentesco com êle totalmente diferente do parentesco para conosco. Êle era o Filho único de Deus. Como era que êle falava de Deus? Sempre como "meu Pai no céu"; nunca como "nosso Pai". Quando falava aos seus discípulos, dizia: "Vosso Pai", mas nunca se classificava com êles. Disse-lhes que orassem assim: "Pai-nosso". Mas nunca usou estas palavras como se incluindo a si mesmo com êles. Aos seus discípulos, êle disse: "Se alguém me ama, meu Pai o o amará" (Jo 14, 23). Ninguém pode enganar-se sôbre o fato de haver Jesus usado a expressão "Meu Pai" em referência a si mesmo num sentido inteiramente diferente daquele que poderia aplicar-se a qualquer outra pessoa neste mundo.

Busca-se então refúgio no fato de tantas vêzes referir-se a si mesmo como o "Filho do Homem", e en-

tão se argúi que com isso êle admitiu ser um ente meramente humano como cada um de nós.

Ora, sem dúvida pela Encarnação o Filho de Deus tornou-se um ente verdadeiramente humano; mas não era sòmente isso. E, quando applicava a si mesmo o título de “Filho do Homem”, fazia-o num sentido muito especial, muito além daquele que poderia applicar-se a um ser humano comum. Êle tinha em mente a profecia messiânica de Daniel concernente a uma pessoa misteriosa, de aparência exterior como a de ser humano, mas pertencente a uma ordem de realidade muito mais alta, e vinda “nas nuvens do céu” (Dan 7, 13-14). Assim Cristo declarou que, como “Filho do Homem”, êle tinha o poder sôbre-humano de perdoar pecados (Lc 5, 24); era Senhor do Sábado (Mc 2, 28); tinha vindo para redimir os pecadores (Mt 20, 28); e, como vimos, é como “Filho do Homem” que êle virá uma segunda vez no fim do mundo, como Juiz Supremo do gênero humano (Mt 25, 31). Nenhuma dessas expressões é aplicável a alguém que não seja mais do que um ente ordinariamente humano.

Finalmente, falando da necessidade da fé nêle, Cristo disse: “Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que por êle o mundo pudesse ser salvo. Quem nêle crê não é julgado. Mas quem não crê nêle já está julgado, porque não crê no nome do Filho Unigênito de Deus” (Jo 3, 17-18). Por certo, esta última expressão põe fim a tôdas as tentativas de reduzir Cristo ao nosso próprio nível sôbre o argumento de que nós mesmos às vêzes somos chamados “filhos de Deus”. Como “Filho Unigênito de Deus” Cristo é inteiramente único e completamente diferente dos outros, que não podem pretender a filiação em nada mais do que no sentido lato, em razão da sua criação por Deus. Porquanto Cristo

não seria o “Filho Unigênito” se o resto de todos nós fôssemos filhos de Deus nesse mesmo sentido.

“CHEIO DE GRAÇA E DE VERDADE”

Falando do caráter de Cristo, S. João descreve-o como “cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14). A santidade e a sabedoria de Cristo excederam todo o possível em qualquer homem meramente natural.

Tem sido dito que é muito difícil fazer uma idéia exata de Cristo, e que, de fato, ninguém sabe como êle realmente era. Mas isto não é fato, exceto na questão de sua aparência física.

Tôdas as autoridades convêm em que os muitos e diferentes retratos de Cristo em arte são idealização simbólica. Nenhuma figura dêle existente pode reclamar ser autêntica. Os Evangelhos propositadamente abstiveram-se de descrever a sua aparência física, deitando-se de preferência sôbre a beleza espiritual do seu caráter. Porquanto êle não veio para excitar a curiosidade, ou para ganhar o povo pelos seus atrativos externos, visíveis e meramente naturais. A sua influência não era devida a êstes. O povo era impressionado pela sua integridade pessoal, pelas suas manifestações milagrosas de poder sobrenatural, pelo modo extraordinário como êle podia combinar a brandura para com os pecadores despreziosos, com uma inflexível denúncia da injustiça clamorosa, e pelas sublimes, embora exigentes, normas do ensino que êle proclamava com uma autoridade além de tôda autoridade que êles haviam anteriormente encontrado. Estas eram as coisas que lhes ficavam na memória.

Da sua bondade transcendente não nos é deixada dúvida alguma. Se há coisa clara sôbre êle, é que êle era a própria perfeição, e não apenas um aspirante à

perfeição, companheiro dos seus discípulos. Se êle disse: "Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5, 48), exemplificou o seu ensino por tôdas as formas.

A acusação de haverem os crentes em Cristo magnificado êste elevando-o à categoria de um ser sem pecado e ideal, portanto algo irreal, só é possível da parte daqueles que não têm fé nêle como Deus, e que persistem em pensar dêle como de um simples homem que devia estar sujeito às comuns fragilidades humanas, mesmo na ordem moral. Mas coisa irreal é imaginar que as posteriores gerações de cristãos construíram por si mesmas um tal Cristo imaculado.

Registando os resultados da observação direta, os Evangelhos apresentam-nos Cristo como um caráter íntegro, sumamente puro e santo, sem qualquer consciência de pecado, não proferindo palavras de arrependimento nem procurando perdão. Antes de êle nascer, fôra dito dêle: "Êle salvará o seu povo dos seus pecados" (Mt 1, 21). Êle é o Salvador dos homens que necessitam de salvação, e não um dos que necessitam dela.

A sua própria conduta seria inexplicável em qualquer base outra que a da sua total inculpabilidade. Êle nos advertiu de não devermos julgar os outros a não ser que nós mesmos fôssemos sem falta, chamando aos que o fazem uns hipócritas que vêem a palha nos olhos dos outros e não vêem a trave no seu (Lc 6, 42). Entretanto, êle julgou e condenou outros repetidas vêzes. Ou êle era sem falta, ou nós teríamos de estigmatizá-lo como hipócrita — idéia esta totalmente oposta a tôda a evidência. Aos seus piores inimigos pôde êle dizer: "Quem de vós me argüirá de pecado" (Jo 8, 46). Estas são palavras que não poderiam ser transferidas aos lábios de qualquer outro. O profeta

Isaías teve de excluir: “Ai! sou um homem de lábios impuros” (Is 6, 5). São Pedro teve de dizer: “Senhor, afastai-vos de mim, porque sou um homem pecador” (Lc 5, 8). Esse mesmo São Pedro escreveu, de Cristo, na sua primeira Epístola: “Não cometeu pecado” (1 Ped 2, 22). S. Paulo escreveu aos Coríntios: “Ele não conheceu pecado” (2 Cor 5, 21). E S. João não hesitou em dizer: “Nêle não havia pecado” (1 Jo 3, 5). Jesus, portanto, era “cheio de graça” e a própria Santidade.

Era também cheio de “verdade”. A ciência que êle possuía só pode ser explicada pela sua divindade. Quando o Filho Eterno de Deus se fêz homem, foi plenamente homem, mas não simplesmente homem. Não deixou de ser Deus; e, como Deus, sempre soube tôdas as coisas. Mas não tinha um conhecimento de tôdas as coisas por experiência especificamente humana.

Há diferentes modos de conhecer a mesma coisa. Uma simples ilustração de como isto é possível pode ser tirada do fato de haverem os astrônomos sabido da existência do planêta Netuno pelos seus cálculos matemáticos, antes de porem os olhos nêle por meio de telescópios. Quando os telescópios foram dirigidos para onde êles sabiam que o astro devia estar, e êles se acharam contemplando o real planêta, tiveram uma nova espécie de conhecimento, um conhecimento sensorial, daquilo que haviam conhecido antes por uma ilação da razão sômente.

Assim, de certo modo, se deu com Cristo. O seu conhecimento humano experimental era limitado pelas circunstâncias da sua vida. Essa espécie de conhecimento êle teve de adquirir. E isto nos fornece uma chave para as limitações inferidas por S. Lucas quando nos diz que “Jesus crescia em sabedoria e idade e graça diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,

52). De fato, há dois sentidos em que podemos admitir limitações no conhecimento de Cristo: limitação nas manifestações do seu conhecimento divino, de acordo com as exigências da sua missão, e limitação na sua própria experiência natural e humana daquilo que ele já conhecia de maneira inteiramente outra, como Deus.

Que ele sempre conservou a plenitude da ciência divina, isto não deixa dúvida. Ela era a testemunha da Verdade Eterna (Jo 3, 11-13); podia ler os pensamentos secretos dos homens (Mt 9, 4); e conhecia o futuro (Mc 10, 33). S. Paulo esteve mais do que justificado em declarar que nêle “estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e ciência” (Col 2, 3).

OS ENSINAMENTOS DE CRISTO

Tentativas desesperadas têm sido feitas pelos indesejosos de aceitar a autoridade divina dos ensinamentos de Cristo, a fim de solapar a crença na origem divina dêles. Alguns têm recorrido ao expediente de pretender que, durante os anos sobre os quais os Evangelhos silenciam, desde o seu nascimento até começar a sua vida pública aos trinta anos de idade, ele trabalhou no estrangeiro, indo à Índia, à Pérsia e ao Oriente em geral. E pretendem que ali ele tenha aprendido as doutrinas que depois ensinou na Galiléia.

Não há sequer um fragmento de evidência para apoiar esta sugestão fantasista, e nenhum erudito reputável pode ser citado em favor dela. Mas os racionalistas que a avançaram não sentiram obrigação de prová-la. Declararam ser dever dos cristãos impugná-la, e entrementes propagaram essa teoria, sabendo que haveria muitos simplesmente demasiado prontos a se agarrarem a uma desculpa para abandonarem uma religião que não tinham vontade de praticar.

Contudo, a evidência não permite outra conclusão a não ser que Jesus viveu em Nazaré durante isso que são chamados os “anos ocultos”, até iniciar a sua vida pública. Assim S. Mateus nos diz que, de volta da fuga para o Egito, êle “habitou numa cidade chamada Nazaré” (Mt 2, 23). S. Lucas narra como a família “ia todos os anos a Jerusalém no dia solene da páscoa”. Numa dessas visitas, quando Jesus tinha doze anos, José e Maria procuraram-no por três dias de o haverem perdido; e, depois de o acharem no Templo, êle “desceu com êles e veio para Nazaré, e lhes era submisso” (Lc 2, 41-51). S. Lucas também nos diz que, após o seu jejum de quarenta dias e a subsequente tentação, no comêço da sua vida pública, êle “veio a Nazaré, onde fôra criado” (Lc 4, 16). Uma passagem notável em S. Mateus torna claro como durante anos êle tinha sidô bem conhecido como um residente em Nazaré. Quando ensinava nas sinagogas locais, é-nos dito que o povo “se admirava e dizia: Donde lhe veio esta sabedoria e poder? Êste não é o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas? e suas irmãs não estão tôdas conosco? De onde lhe vêm, pois, tôdas essas coisas?” (Mt 13, 54-56). Não há necessidade de nos determos aqui sôbre o costume hebreu de descrever como “irmãos e irmãs” parentes em vários graus de consagüinidade nascidos de outros pais. Maria não teve outro filho a não ser Jesus. Mas o que deve ser notado é que a surpresa da gente local era devida precisamente ao fato de saber que êle não tinha estado fora, em qualquer outro lugar, por qualquer lapso de tempo suficiente para adquirir um conhecimento localmente inadquirível. Todos sabiam que êle passara os anos, até o comêço da sua vida pública, em Nazaré. Quando Filipe procurou persuadir Natanael de seguir

Jesus, Natanael replicou: “De Nazaré pode vir algo de bom?” (Jo 1, 46). Quando Jesus entrou em triunfo em Jerusalém, o povo dizia: “Este é Jesus, o profeta de Nazaré, na Galiléia” (Mt 21, 11). Era do conhecimento público que êle tinha vivido e trabalhado em Nazaré; e, finalmente, Pilatos insistiu em que êle fôsse crucificado sob o título: “Jesus de Nazaré, rei dos Judeus” (Jo 19, 19). Não há lugar para duvidar de que Jesus tenha passado em Nazaré os anos da sua infância até os trinta anos de idade.

Racionalistas que sentiram a fôrça destas considerações refugiaram-se na asserção de que, de qualquer modo, mesmo se êle não obteve de outros os seus ensinamentos, nem por isso os seus ensinamentos são melhores do que os de outros; e, com poucos escrúpulos acêrca da verdade real, aventam comparações entre o Cristianismo e outras religiões mundanas, Budismo, Confucionismo e Maometismo. Mas o Cristianismo não pode ser nivelado dessa forma com quaisquer outras religiões neste mundo. As doutrinas ensinadas por Cristo transcendem infinitamente as de tôdas as outras religiões. Seria impossível fazermos aqui um estudo comparativo exaustivo dos ensinamentos de cada uma delas. Mas há uma questão para a qual deve ser chamada especial atenção.

O Cristianismo põe diante de nós, como nenhuma outra religião tentou jamais fazê-lo, uma Pessoa que reclama o nosso completo amor e devotamento, e que fez pessoalmente algo que era vitalmente necessário para a nossa salvação. Buda, Confúcio, Maomé e outros chefes religiosos pretenderam mostrar aos homens o caminho para Deus, ensinar a verdade religiosa e dar regras para uma vida boa. Mas nenhum dêles ousou dizer: “Eu *sou* o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Jesus fêz o que nenhum outro mes-

tre religioso jamais fêz. Subordinou o seu ensino à sua Pessoa. Nas outras religiões, a mensagem é considerada muito mais importante do que o mensageiro. Não assim, porém, no Cristianismo. Onde os outros referem os homens a Deus, Jesus nunca, nem uma só vez, os desviou de si mesmo para Deus. "Vinde a mim", disse êle, "e eu vos aliviarei" (Mt 11, 28). E fêz a nós uma inigualada exigência quando disse: "Aquêle que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; e aquêle que ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim" (Mt 10, 37). Essa passagem frisa os direitos absolutos de Cristo sôbre o cristão, com os quais nenhuma forma de interêsse próprio, nem quaisquer laços naturais de parentesco, devem ter permissão para interferir. Palavras tais nunca vieram dos lábios de um Buda, de um Confúcio ou de um Maomé.

As capciosas questões dos racionalistas, onde quer que o ensino de Cristo está em causa, são a própria loucura. Perguntam êles: "Se Jesus era Deus, por que então não disse nada em favor da educação?". Mas quem diz aos seus discípulos: "Ide, ensinai a tôdas as nações as coisas que eu vos mandei" (Mt 28, 19-20) não pode ser acoimado de não ter dito nada em favor da educação. Ôbviamente, seus discípulos deviam educar os homens nas doutrinas dêle. De educação em assuntos seculares êle não tinha necessidade de falar. Êle tinha coisas muitíssimo mais importantes sôbre que falar; e a promoção da educação secular estava fora do escopo da sua missão, salvo enquanto estivesse incluída nos deveres gerais dos pais para com os filhos, deveres que êle não deixou de encarecer. "Se Jesus era Deus, por que então não disse se a evolução é verdadeira?" Até que ponto a evolução é um fato, isto é matéria de investigação científica; e Cristo veio para

salvar as almas dos homens, e não para lhes poupar o incômodo de descobrir por si mesmos verdades meramente naturais sôbre o mundo material em que foram colocados. “Se Jesus era Deus, por que não previu e não nos disse que por causa dêle crimes, horrores e iniquidades seriam cometidos?” Mas o fêz. Disse: “Não penseis que eu vim trazer a paz à terra: vim trazer não a paz, mas a espada... e os inimigos do homem serão os de sua própria casa” (Mt 10, 34-36). E ainda: “Vem a hora em que quem quer que vos matar pensará estar prestando serviço a Deus” (Jo 16, 2). “Se Jesus era Deus, por que não disse: As chamas da fome torturarão milhões no pelourinho”. Êle sabia que tais coisas aconteceriam, sendo o homem, como é, possuidor de livre arbítrio e da capacidade de desenvolver as más disposições responsáveis por essas crueldades. Disse êle: “E’ impossível não virem os escândalos; mas ai daquele por quem êles vierem!” (Lc 17, 1). De outra vez, êle disse aos seus discípulos: “No mundo tereis angústia” (Jo 16, 33). Não havia para êle necessidade de empreender uma intérmina descrição imaginativa de cada forma de angústia possível, inclusive “chamas de fome a torturar milhões no pelourinho”, as quais sobreviriam à humanidade! “Se Jesus era Deus deveria ter sabido de tôdas as guerras religiosas que seriam deflagradas em seu nome!” E êle sabia disso. Mas também sabia de tôdas as obras de caridade, e de tôda a dedicação altruísta dos cristãos para com seus semelhantes por amor dêle; e de tôda a compaixão e bondade e felicidade de que êle seria a inspiração. Sabia, também, que esta vida na terra não é tudo; que êle mesmo não veio possibilitar um céu na terra; mas veio para tornar possível para nós um céu além desta vida, no qual todos os sofrimentos e tragédias da terra seriam mais do que compensados.

Em vez de se atormentarem acêrca daquilo que Cristo não ensinou, devem os homens prestar atenção àquilo que êle ensinou — uma doutrina de tão vital importância, que será para a ressurreição ou para a ruína de muitos, salvando aquêles que a aceitam e resultando na eterna condenação dos que ciente e voluntariamente a rejeitam. Que êle era Deus, e que o seu ensino era a revelação direta de Deus à humanidade, isto Cristo mais do que provou pelos milagres que operou. Só o poder divino poderia responder por êstes; e êle mesmo apelou para êles como evidência da sua divindade. Disse aos seus discípulos: “Crede por causa das próprias obras” (Jo 14, 12). Quando João Batista mandou perguntar se êle era o Messias, êle disse aos mensageiros: “Ide e relatai a João o que ouvistes e vistes: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são alimpados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam. . .” (Lc 7, 22). Aos fariseus hostis êle replicou: “Se pelo dedo de Deus eu expulso os demônios, sem dúvida o reino de Deus veio a vós” (Lc 11, 20). Êles não quiseram crer; e mais tarde disse ao seus discípulos, a respeito dêles: “Se eu não tivesse feito no meio dêles as obras que nenhum outro fêz, êles não teriam pecado” (Jo 15, 24).

TUDO ISSO E' UM SONHO?

Será que tudo isso é bom demais para ser verdadeiro? Ou talvez devamos perguntar se é demasiado extraordinário para ser verdadeiro? Certamente há muitos cristãos professos que se debatem em incômodas suspeitas e dúvidas. E a hesitação dêles é alimentada por artigos de jornal e por livros que deleitam exaltando religiões meramente naturais, e ignorando ou mesmo amesquinhando a religião cristã — como se a

familiaridade devesse gerar desprêzo até mesmo por aquela.

Nos tempos antigos, dizem-nos, a gente simples tendia a endeusar os seus heróis. Não é então possível que, de modo mui semelhante gradualmente e à medida que o tempo avançou, os cristãos tenham vindo a considerar Jesus como Deus?

Ora, sem dúvida é verdade que a literatura antiga revela tôda espécie de deuses e deusas criados por si mesma pela gente crédula, ou pelo puro prazer de imaginá-los, ou por uma consideração supersticiosa para com aquêles a quem consideravam como homens e mulheres maiores do que os da linha e categoria ordinárias.

Porém vagos receios de que isso possa ter acontecido no caso de Cristo são absolutamente sem garantia. Um momento de reflexão seria o bastante para mostrá-lo. Porquanto, como vimos, Cristo pessoalmente proclamava-se Deus. Essa pretensão teve origem com êle, e não com outros em épocas posteriores.

Ademais, os seus discípulos eram judeus, e quaisquer que fôsem as outras superstições correntes entre os judeus, êles certamente não compartilharam a tendência pagã de endeusar heróis. Eram estritos monoteístas, rejeitando com horror qualquer idéia de pluralidade de deuses populares entre os pagãos. Isto provou-se uma das maiores dificuldades contra a aceitação das pretensões de Cristo até mesmo pelos seus próprios discípulos. Êles não aceitaram essas pretensões impulsiva e crédulamente. Repetidas vêzes êle teve de censurá-los pela sua relutância em crer. E nem, nessa matéria, poderia qualquer soma de credulidade natural trazê-los à fé que êle exigia dêles. Êle advertiu-os de que para isso êles necessitavam da graça de

Deus. “Ninguém vem a mim”, disse êle, “a não ser que isso lhe seja dado por meu Pai” (Jo 6, 66).

Em todo caso, os evangelistas não tinham nem competência nem habilidade para imaginarem por si mesmos um caráter tal como o de Cristo, mesmo que juntassem as suas cabeças e conspirassem para fazê-lo. Shakespeare, fazendo o melhor de sua parte, não poderia ter criado o caráter e a vida de Cristo, mesmo se houvesse pensado em descrever um Deus-homem imaginário. Não há escapatória para o fato de haverem sido os Evangelhos escritos para nos mostrar Cristo tal qual era realmente. O próprio Jesus era o auto-retrato de Deus feito homem. Os evangelistas não criaram êsse retrato. Apenas o descreveram, tirando o seu relato da vida real.

Ademais, a primeira tarefa da religião cristã, nos seus esforços para converter tanto os gentios como os judeus, foi justamente emancipar os pagãos do seu apêgo aos seus falsos deuses e a todos os seus absurdos mitológicos. Tanto S. Pedro como S. Paulo tiveram os seus momentos embaraçosos em repudiar a adulação e o culto que alguns entusiastas, entre os seus ouvintes pagãos, estavam desejosos de lhes tributar. Por que razão os apóstolos, que foram tão firmes em resistir a uma tendência supersticiosa para considerar homens bons como divinos, foram tão igualmente firmes em chamar divino ao próprio Jesus? Porque, tão seguramente como sabiam que êles mesmos não eram deuses, sabiam que Jesus era Deus.

Assim, logo desde o comêço a doutrina de que Cristo é realmente Deus foi pregada pelos apóstolos. A religião cristã manifestada aos primeiros convertidos incluía êsse ensino; e êles tinham ou de aceitá-la, ou de rejeitá-la e então ficar fora da Igreja. A noção de que a idéia só medrou gradualmente entre os cris-

tãos através de vários séculos não tem fundamento nos fatos. Não houve lapso de tempo suficiente para o desenvolvimento de tal culto lendário. A história não deixa lugar para semelhante teoria.

A MORTE QUE DÁ A VIDA

Mas o próprio Cristo não maldisse a sua sorte quando morreu em desespero na cruz, clamando lastimosamente: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Mt 27, 46) A resposta a isso é mui decididamente pela negativa. Não houve um laivo sequer de desespero nessas palavras, entre as mais famosas da história. Angústia, um sentimento intenso de desolação espiritual, sim; desespero, não.

Devemos ter em mente que Cristo era o Filho de Deus *possuindo uma natureza humana*. O seu grito: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” exprimiu o sentimento de desolação que êle permitia à sua natureza experimentar. Êsse grito não tinha relação com a sua Natureza Divina. A chave para estas dificuldades está em nos lembrarmos de que Cristo era uma Pessoa Divina possuindo duas naturezas, a de Deus e a de homem. Podia, portanto, falar, ora em virtude de ser Deus, como quando disse: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 30); ora em virtude de ser homem, como quando disse “O Pai é maior do que eu” (Jo 14, 28). O grito da cruz estava nesta última capacidade.

Eu disse que o seu grito foi um grito de angústia e não de desespero. De fato, êle foi uma expressão da suprema confiança no meio de uma insondável experiência de desolação espiritual. Êle ainda pôde dizer: “Meu Deus, meu Deus!”, expressão de completa confiança, sendo qualquer dúvida sôbre ela certamen-

te removida pelas suas palavras finais: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23, 46).

A explicação das palavras que tantos acham tão difícil deve ser buscada no Salmo do qual foram citadas. Elas são as palavras iniciais do Salmo 22. Esse Salmo prediz, e descreve quase literalmente, aspectos da paixão de Cristo. S. Mateus pinta os inimigos de Cristo como blasfemando-o, "meneando as cabeças" e exclamando: "Confiou em Deus; livre-o êle agora, se o quiser" (Mt 27, 39-43). Assim êles cumpriam, mau grado seu, o dito no Salmo 22, 7-8: "Todos os que me vêm riem de mim escarnecendo-me: movem os lábios, sacodem a cabeça, dizendo: Confiou em que o Senhor o livrasse: livre-o agora, vendo que êle o ama".

Cristo citou essas palavras iniciais do Salmo para mostrar que êle era a pessoa de que se falava tantos séculos antes. Mas qual era o espírito do Salmo sob êste ponto de vista? Êle não faz nenhuma sugestão de dúvida ou de desespero. Finda com uma nota de alegria e de vitória; e Cristo sabia que todo o salmo se cumpriria nêle. Mui provavelmente, tendo proferido alto as primeiras palavras, êle teria continuado recitando todo o Salmo calmamente consigo mesmo. Mas, pelo momento, identificou-se com os pecadores e expiando-lhes os pecados, na sua natureza humana êle experimentou uma sensação de ser deixado sem alívio de qualquer espécie para suportar as conseqüências do pecado. O seu grito, portanto, não exprimiu dúvida ou desespero, e sim o extremo da sua angústia no momento supremo.

Expiando os nossos pecados! Eis aí o escândalo para a mente moderna. Pode uma pessoa inocente sofrer em favor da culpa de outrem?

Ora, sejam quais forem as nossas dificuldades nesta matéria, a questão está resolvida justamente pelo fato

de havê-lo Cristo feito. Êle declarou, muito antes do cumprimento das suas palavras: “Eu sou o bom pastor... e dou a minha vida pelas minhas ovelhas” (Jo 10, 14-15). De outra vez, disse de si mesmo: “O Filho do Homem veio para dar a sua vida em redenção de muitos” (Mc 10, 45). Na última Ceia disse: “Êste é meu sangue que será derramado por muitos em remissão dos pecados” (Mt 26, 28). E essa era a doutrina pregada pelos Apóstolos. S. Paulo escreveu aos Romanos: “Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho” (Rom 5, 10). Aos Gálatas, escreveu: “Vivo na fé do Filho de Deus que me amou e se entregou por mim” (Gál 2, 20). S. Pedro escreveu: “Não fostes remidos com coisas corruptíveis, como ouro ou prata... mas com o precioso sangue de Cristo” (1 Ped 1, 19).

Perversa caricatura da doutrina cristã é perguntar sarcásticamente se Cristo morreu para “persuadir um Deus irado a tirar os homens do seu castigo”. Nenhuma pessoa razoável acredita isso, nem se lhe pode crê-lo. “Deus amou tanto o mundo, que por êle deu o seu Filho unigênito” (Jo 3, 16). Isto não soa como persuadir um Deus irado!

Combinando a justiça com a misericórdia, o próprio Deus, na Pessoa de seu Filho, fêz-se homem para oferecer, na nossa natureza humana e pela nossa natureza humana, uma expiação do pecado da qual não éramos capazes. E não há questão da *substituição* do culpado pelo inocente. Êste não é o ensino cristão. A doutrina da redenção só pode ser compreendida se vista no contexto de tãda a doutrina cristã. Premido por um amor infinito, o Filho de Deus fêz-se *um só com a humanidade*, de modo que a própria natureza humana, nêle como seu perfeito representante, pudesse oferecer reparação pela revolta da humanidade. Por

isto S. Paulo diz: "Deus estava em Cristo, reconciliando o homem consigo" (2 Cor 5, 19). E não só isto. Para nos beneficiarmos da redenção devemos ser feitos um com Cristo pelo batismo, compartilhando os seus sofrimentos, e fazendo os nossos sofrimentos derivarem o seu valor do dêle. Cristo não morreu para que nós pudéssemos escapar a todo sofrimento pelos nossos pecados. Não morreu para que os homens não pudessem morrer. Deu um novo valor aos nossos sofrimentos e morte quando misturados aos seus. Por isto S. Paulo nos diz que, se sofrermos com Cristo, com Cristo seremos também glorificados (Rom 8, 17). Tudo isto mostra não ser de esperar que entendamos a redenção como sendo a substituição de um culpado por um inocente individual isolado.

A FE' DE UM CATÓLICO

A aplicação desta doutrina é um tormento para muitos. Eles dizem que, segundo nós, Deus enviou seu Filho à terra há 2.000 anos para salvar o gênero humano, e no entanto milhões de homens, até êste dia, ainda não tiveram oportunidade de ouvir falar de Cristo e dos seus ensinamentos e obra! Mas não devemos confundir a pregação do Evangelho com a dispensação das graças da redenção. Estas últimas ficaram à disposição dos homens desde o momento da promessa de um Redentor, quando o próprio primeiro pecado foi cometido (Gên 3, 15).

Logo desde o comêço, Deus dispensou graça suficiente a todos os homens para a sua salvação, por antecipação dos méritos de Cristo. Mas a preservação da sua revelação foi confiada ao seu povo escolhido, os Judeus, até à vinda de Cristo. Com a sua vinda e a vocação dos Apóstolos, foi dado o mandamento de

convidar a gente de tôdas as nações a formar um novo "povo de Deus" dentro do redil da Igreja Católica que Cristo fundou. Os que se dão conta disto são obrigados a aderir a essa Igreja Católica. Aos que não se dão conta disso são dadas graças ao menos bastantes para os habilitar a salvar suas almas, de modo que ninguém pode perder-se se não por sua própria conta.

No tempo dos Apóstolos, sòmente um punhado da humanidade inteira era cristã. Hoje, mais de um quinto da raça humana é católica; e mais de um têrço professa crença em Cristo de uma forma ou de outra. E a religião cristã prosseguirá firmemente crescendo e expandindo-se como Cristo predisse quando a comparou a uma miúda semente que gradualmente se desenvolveria até tornar-se imensa árvore.

O plano de Deus é necessariamente misterioso para nós. Podemos apenas cumprir o nosso dever como o vemos, fazendo a nossa parte para ajudar a Igreja a cumprir a missão especial que lhe foi dada por Cristo. Mas não devemos imaginar que Deus não tenha meios de conceder as graças salvadoras, ganhas pela morte de Cristo na cruz àqueles a quem o Evangelho ainda não foi pregado. Uma vez mais, entretanto, tal consideração não nos dispensa dos deveres a nós impostos segundo o grau de conhecimento que nós mesmos possuímos. *Temos* tido o Evangelho pôsto diante de nós; e a nós se aplica a advertência: "Quem crê não será condenado" (Mc 16, 16).

Impressionados com a seriedade dêste aviso, os homens têm perguntado por que razão o próprio Cristo não escreveu aquilo que desejava que nós crêssemos, em vez de deixar isso para outros fazerem, sòmente para se tornarem as palavras da Escritura joguête, por séculos, nas disputas dos homens, causando divisões e seitas na sua Igreja! Porém, mesmo que o pró-

prio Cristo tivesse escrito os Evangelhos, não haveria nada que impedisse os homens de fazerem com o que êle houvesse escrito justamente o que têm feito com o que os evangelistas escreveram! Todavia, Cristo não deixou nem mesmo as palavras escritas pelos evangelistas serem joguêtes das disputas dos homens.

Êle estabeleceu a sua Igreja, a Igreja Católica, para ensinar os homens com uma autoridade e infalibilidade divinamente garantida. E os milhões de cristãos, mais de 470 milhões hoje em dia, mais do que o número total combinado de adeptos de tôdas as comunidades não-católicas dissidentes juntas, os quais através de todos os séculos têm aceitado os ensinamentos autoritários dessa Igreja, têm sido preservados do êrro e do caos. O princípio protestante da interpretação privada, fazendo de cada homem seu próprio guia na interpretação da Escritura, foi que levou a joguête as palavras escritas dos evangelistas numa feição mais irresponsável. E isso, por sua vez levou, não a seitas e divisões na Igreja de Cristo, mas sim a separações dela, e à formação de seitas que não mais puderam proclamar serem a Igreja de Cristo, nem parte dela.

Tenho recebido muitas cartas de não-católicos exprimindo inveja da sublime certeza dos seus amigos católicos, e do senso de realidade que êstes acham na sua religião. Êles se admiram disso. Mas os católicos têm experimentado por si mesmos as coisas sôbre as quais tantos não-católicos são hesitantes e dubitantes. Quando Colombo falou com segurança da existência da América, as pessoas duvidaram e recusaram crer. Se tivessem vindo com êle na sua viagem de descobrimento, tôdas as suas dúvidas especulativas ter-se-iam dissipado ante a sua experiência de realmente porem pé em solo americano.

Assim, o não-católico que recebe instrução na religião católica, e que obtém de Deus o dom da fé nela, acha, trazida à sua vida, a mesma “sublime certeza” que êle diz haver até agora invejado nos seus amigos católicos. Por certo, a percepção intelectual não depende de capacidade intelectual. A salvação não é para gente inteligente, em desvantagem da gente menos inteligente. A intuição da fé e a experiência espiritual são dadas por Deus a uma alma disciplinada e preparada. Se formos humildes, sinceros, desejosos de praticar a abnegação pessoal por amor de Cristo, e cheios de um grande desejo de união com êle, a percepção espiritual é apurada, a graça de Deus é derramada na alma, e uma intensa percepção da glória de Cristo e da verdade da sua Igreja Católica podem tornar-se em muito uma realidade em nossas próprias vidas.

ÍNDICE

Cristo é realmente Deus?	5
Dúvidas crescentes	5
Fatos históricos	8
Coisa inimaginável	11
A revolta contra o dogma	13
O Deus dos Evangelhos	17
“Cheio de Graça e de Verdade”	22
Os ensinamentos de Cristo	25
Tudo isso é um sonho?	30
A morte que dá a vida	33
A fé de um católico	36

VOZES EM DEFESA DA FÉ

O Secretariado Nacional de Defesa da Fé resolveu ampliar a conhecida série de 8 cadernos "Contra a Heresia Espírita" sob o novo título geral de "Vozes em Defesa da Fé". Já estão no prelo e sairão próximamente os seguintes cadernos:

9. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
10. O Rosacruzianismo no Brasil
11. As Sociedades Teosóficas
12. Martinho Lutero
13. A Reforma Luterana
14. Os Presbiterianos
15. Os Congregacionalistas
16. Os episcopalianos
17. Os Batistas
18. Os Metodistas
19. Os Adventistas
20. O Exército da Salvação
21. A Associação Cristã de Moços
22. As Testemunhas de Jeová
23. "Assembléias de Deus" e outras "Igrejas Pentecostais"
24. Os Mormons ou Santos dos últimos Dias
25. A "Ciência Cristã"
26. Os Católicos e o Rearmamento Moral
27. A Teoria de "A Bíblia somente"
28. A Teoria da "Justificação pela Fé somente"
29. Só os Católicos se salvam?
30. Cristo voltará em breve?
31. A Imortalidade da Alma
32. Cristo é realmente Deus?
33. A Inquisição
34. Nossas Superstições
35. Astrologia, Quiromancia e Quejandos

Na mesma coleção seguirão ainda dezenas de outros títulos,
já em preparo

Publicações do Secretariado Nacional de Defesa da Fé,
na Editôra Vozes.

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA
Caixa Postal 23, Petrópolis, Estado do Rio

<http://www.obrascaticas.com>